

poesia postal

//

06



poesia postal

//

06

Poemas de Artur Barosa, Carla Rua, J. A. Nunes Carneiro, José Dias Egipto, Luís Bento, Margarida Neves, Margarida Oliveira, Margot, Maria Frazão, Maria Joana Almeida e Rui Miguel Rocha inspirados num desenho de Marta Nunes

Março de 2025

Regresso devagar como quem escreve

regresso devagar como quem escreve
um poema já escrito onde se lê
que casa e sorriso são duas faces
da mesma moeda com que compramos
os dias e os tempos e frações
com resultado par

e se os dias são um regresso
ao que em certos dias julgámos perdido

ou se é tão fácil regressar devagar
ao que não sabemos como tocar

se é tão simples entrar em casa
e ler tantas palavras que já estavam
escritas silenciosas à espera de serem sons

como não ser certo que regressar e ficar
são as duas faces do mesmo espelho
que trocamos por um fio que as una

ARTUR BAROSA

Invisível

O espaço que ocupava era quase nada
O corpo lasso (des)dobrado em si mesmo
E da cadeira sobravam pernas e braços
Prova irrefutável de sonhos roubados
Uma distância enorme do assento ao chão
Como que a aumentar a queda
Inevitável
Inadiável

O tempo que sobrava era quase nunca
Nunca o suficiente
E no entanto
Nunca tão pouco que permitisse o esquecimento
Ou a ausência das palavras

Ao longe, uma imensidão a perscrutar o vazio
A sombra em crescendo
Dentro do tempo
Dentro do espaço
Como quando o dia se faz noite
E adormece o rosto húmido
De onde crescem líquenes verdes

Sem ti

Em memória do meu Pai

agora sei que é verdade

a cadeira vazia e

sem ti

é apenas o lugar da memória

agora sei que não voltarei a estar ali no teu colo

J. A. NUNES CARNEIRO

Cadeira do fogo

No meio dos escombros,
do sangue e da lama da razia,
jaz, na quietude sórdida dos assombros,
uma inquietante cadeira vazia.

Corpos mutilados a rodeiam.
Gritos e choros a envolvem.
A neve e o vento a golpeiam.
Só os ruídos do silêncio a descobrem...

Agora só existe uma memória
de outros que nela não se sentaram,
que dela fazem, agora, a glória
da vitória, que ela “diz” que alcançaram.

Cegos são os Homens que nunca a viram.
Tenebrosas as mentes que ali a puseram.
Honrosos os braços que resistiram.
Hipócritas os canhões que os venceram.

No meio dos escombros,
apagados pela neve espessa,
jaz, na quietude sórdida dos assombros,
uma cadeira de fogo, que, afinal, tudo confessa!

Sombra

Há uma sombra que se projecta na tua ausência,
um lugar vago à espera de Nós,
numa liberdade enclausurada nas palavras não ditas.

LUÍS BENTO

desligar

de vez em quando o silêncio
o canto de aves num tronco de jardim

de vez em quando sentar-se na cadeira de madeira alentejana
que nos chama por entre a lentidão do crescer das oliveiras

de vez em quando sair a desoras
ninguém à frente na fila do pão
cumprimentar o padeiro, comer biscoitos de azeite

de vez em quando acender a lareira com restos de poda e
folhas de jornal da semana anterior

de vez em quando, só de vez em quando
desligar

para depois fazer restart

MARGARIDA NEVES

Ângulo da ausência

Qualquer que seja
o ângulo da tua ausência
o trono permanece
coroadado de vazio
partiste com as aves
emudecendo a primavera
mas é na solidão mais fria
que a tua poesia sussurra em mim

será o fim um princípio feliz?

MARGARIDA OLIVEIRA

O teu lugar

o silêncio ficou imóvel
enquanto o vulto se foi
levou com ele o copo
mas sua alma rastejou
lambeu o chão ensanguentado
fragmentou-se na imensidão do vazio
tu ficaste
hirto
sozinho
esperas
gritas
chamas por mim
e eu observo-te
ao longe
escuto os teus passos
ao longe
aproximam-se
mas nunca chegam

MARGOT

falta

é neste momento quando a tarde
vem
calada
que me chega a madrugada que não vi
contigo
olho os pedacinhos de janela
pequenas cortinas
onde só vejo a ponta de duas árvores
não duas árvores inteiras
mas apenas a sua parte
mais bela
e escrevo o que parece ser
um
poema de amor
é um poema onde grito a tua falta
não a tua ausência
e tremo de pavor na tua
falta
e toco-me e não me sinto
sentada nesta cadeira vazia
nesta sala com duas pontinhas
de árvores
faltosas como eu
de ti

o último assento

eras tu a abrir a porta
trazias na mão uma certeza
esgrima na palavra
um último fôlego

fechavas o passado
que transbordava uma dança sem regra
com voltas no limbo da vertigem

eras tu a abrir-me a porta
era eu, o teu último assento

MARIA JOANA ALMEIDA

Se o meu avô se tivesse sentado

Se o meu avô se tivesse sentado
nesta cadeira ela teria a sua
memória inscrita e seria uma
coisa esvaziada de vazio

Assim
nem uma cadeira é

RUI MIGUEL ROCHA

poesia postal

//

06

31.Março.2025

www.martanunes.work

www.elefante-editores.net